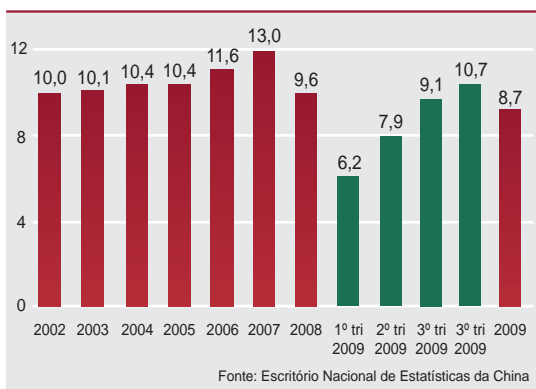


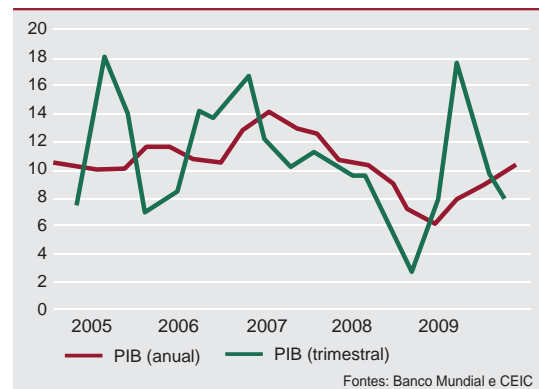
Síntese gráfica trimestral do comércio bilateral e do desempenho macroeconômico chinês Consolidado de 2009

Impulsionada pelo Pacote de Estímulo Econômico anunciado por Pequim em novembro de 2008, a economia chinesa superou meta de crescimento de 8% pré-estabelecida pelo governo e, no acumulado de 2009, registrou expansão anual de 8,7%. De acordo com o Escritório Nacional de Estatísticas da China (NBS, na sigla em inglês), o Produto Interno Bruto (PIB) do país cresceu 6,2% no primeiro trimestre, 7,9% no segundo, 9,1% no terceiro e 10,7% no quarto e último trimestre do ano¹. Dados de crescimento anualizado divulgados pelo NBS, no entanto, incorporam efeito-base dos resultados amplamente negativos dos últimos trimestres de 2008, inflando crescimento do PIB. Estimativas realizadas pelo Banco Mundial indicam que, após crescimento trimestral de 17% no segundo trimestre, a economia chinesa desacelerou e registrou expansão de 10% no terceiro trimestre e aproximadamente 9% no último trimestre do ano. Tais estimativas estão em linha com dados do crescimento de investimentos em ativos fixos (FAI, na sigla em inglês), principal motor do crescimento do PIB chinês em 2009, que desacelerou nos dois últimos trimestres do ano em decorrência da moderação de investimentos tanto no setor imobiliário, de predominância privada, quanto em infraestrutura, no qual capital estatal é dominante. É bom lembrar que o governo chinês exerce controle significativo na economia, uma vez que controla diretamente os principais bancos do país, e, portanto, a desaceleração dos investimentos privados também resulta de política do Estado.

Evolução do PIB chinês - Var. (%) anual



Evolução do PIB chinês - Var. (%) trimestral e anual



Previsões de crescimento para PIB chinês em 2010

Instituição	Crescimento do PIB
Citigroup	9,8%
Dragonomics	8 - 8,5%
Banco Mundial	9,0%
FMI	10,0%
Merryl Lynch	10,1%
Morgan Stanley	10,0%
JP Morgan	9,5%
HSBC	9,5%

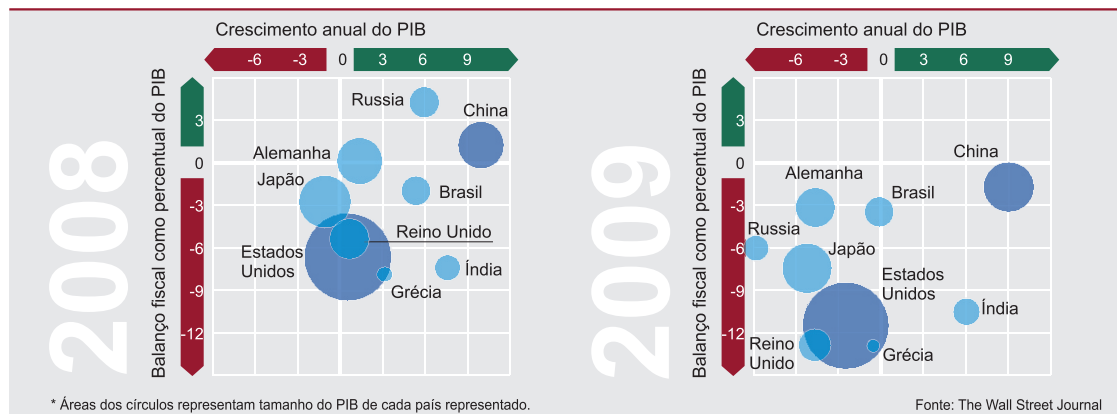
Fonte: CEBC

enquanto na China a razão déficit fiscal/PIB foi mantida em moderados 2,3%, contra 0,4% em 2008. Com relação a 2010, desaceleração estimada por algumas instituições nos dois últimos trimestres de 2009 não impediu previsões de aceleração do crescimento do PIB chinês. Fundo Monetário Internacional (FMI), *Merryl Lynch*, *Citigroup* e *Morgan Stanley* prevêem que liquidez abundante e continuidade do Pacote de Estímulo resultarão em aceleração da expansão econômica chinesa em 2010 e que o crescimento do PIB ao final do ano será próximo a 10%. *JP Morgan* e *HSBC* indicam expansão menos acelerada, de 9,5%, mas ainda assim significativamente acima dos 8,7% registrados em 2009.

¹ Em dezembro de 2009 e janeiro de 2010, o NBS anunciou revisão tanto do crescimento do PIB em 2008 (de 9% para 9,6%) quanto do primeiro e terceiro trimestres de 2009. Dados apresentados neste relatório, portanto, divergem daqueles utilizados nas edições anteriores da Macro China. Vale ressaltar, nesse sentido, que revisões de dados pelo governo chinês e dificuldades das instituições internacionais em mensurarem determinados índices – como vendas no varejo e renda doméstica, por exemplo – acabam por alterar certas análises e previsões de curto prazo. Sempre que isto ocorre, buscamos ressaltar tais divergências a fim de clarificar a compreensão de nossos leitores.

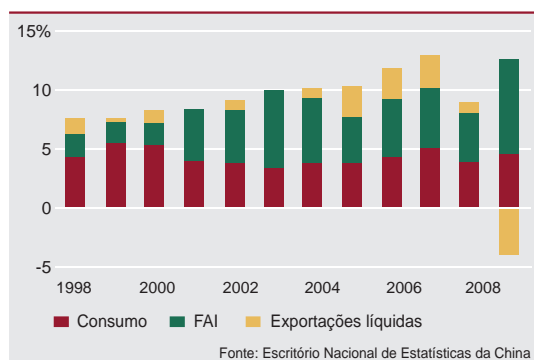
Banco Mundial e *Dragonomics*, por outro lado, destacam arrefecimento da expansão do FAI nos últimos trimestres de 2009 e prevêem, em 2010, crescimento pouco maior, no caso do Banco Mundial, ou mesmo inferior, segundo a consultoria *Dragonomics*, àquele registrado em 2009. Em qualquer destes cenários, em 2010 o PIB chinês deve ultrapassar aquele do Japão, fazendo da China a segunda maior economia do mundo, atrás apenas da norte-americana².

Crescimento econômico e balanço fiscal – Var. (%) anual*

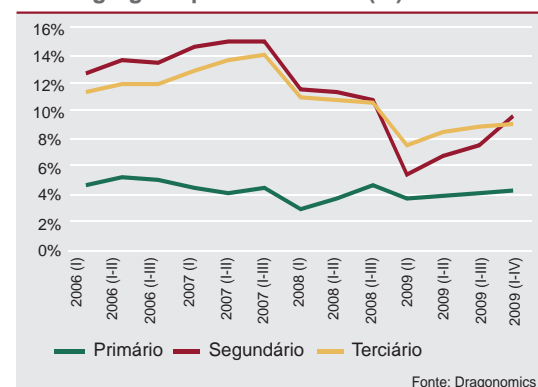


Analisando crescimento da economia chinesa em 2009 por componentes do PIB, FAI foi o principal contribuinte, tendo respondido por 8 p.p. da expansão de 8,7% do PIB, segundo o NBS. O Pacote de Estímulo Econômico previsto por Pequim, baseado em expansão de gastos fiscais e, sobretudo, na espantosa provisão de liquidez bancária para financiar investimentos em infraestrutura e no setor imobiliário, fez com que FAI registrasse crescimento anualizado de 30,1% em 2009 e expandisse consideravelmente sua participação no crescimento do PIB – entre 2003 e 2007, FAI respondia por aproximadamente 46% do crescimento, enquanto em 2009 sua contribuição para expansão econômica foi superior a 90%. Consumo, por sua vez, ampliou ligeiramente participação em pontos percentuais (p.p.) frente à média de anos anteriores, tendo contribuído com 4,6 p.p., ou seja, cerca de 52,9% – vale ressaltar, contudo, que consumo governamental apresenta participação muito mais relevante neste índice que o consumo familiar. Exportações líquidas, por outro lado, contribuíram negativamente para o crescimento do PIB em 3,9 p.p., em função da retração mais acentuada das exportações chinesas em relação às importações – retração anualizada de 16% das vendas chinesas para o exterior em 2009 foi a primeira queda desde 1978. Decompondo o PIB, de outra maneira, por setores da economia, a indústria registrou maior contribuição, de US\$ 2,3 trilhões (46,8% do PIB). Após ser fortemente afetada pela crise nos primeiros trimestres de 2009, no acumulado do ano apresentou crescimento anual mais acelerado, de 9,5%. Serviços, por sua vez, responderam por US\$ 2,1 trilhões (42,6%), tendo registrado crescimento anual de 8,9%, enquanto o setor primário da economia adicionou US\$ 519,4 milhões ao PIB (10,6%), expansão anualizada de 4,2%.

Contribuição para crescimento do PIB – pontos percentuais



Valor agregado por setor – Var. (%) anual

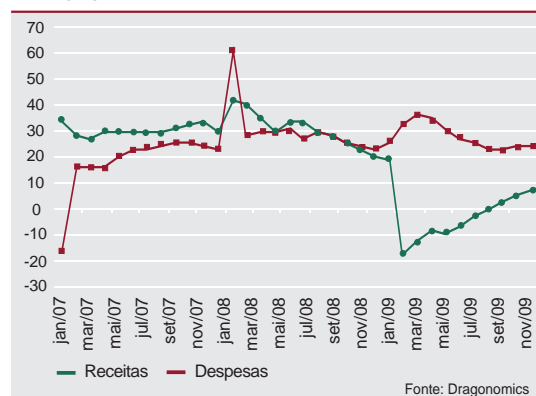


Como parte do Pacote de Estímulo à economia chinesa, Pequim previra déficit fiscal de RMB 1 trilhão (US\$ 146 bilhões) em 2009. No acumulado do ano, entretanto, segundo dados do Ministério de Finanças (MoF, na sigla em inglês), déficit do governo central foi de RMB 740 bilhões (US\$ 108,3 bilhões), equivalente a 2,3% do PIB, contra previsão inicial de 3%. Impacto da crise internacional sobre atividade econômica e cortes de impostos para incentivar consumo doméstico e setor exportador resultaram em desaceleração do crescimento da receita fiscal – 11,7% em 2009, contra 19,5% em 2008. Ao longo do ano, no entanto, receitas apresentaram constante recuperação, tendo

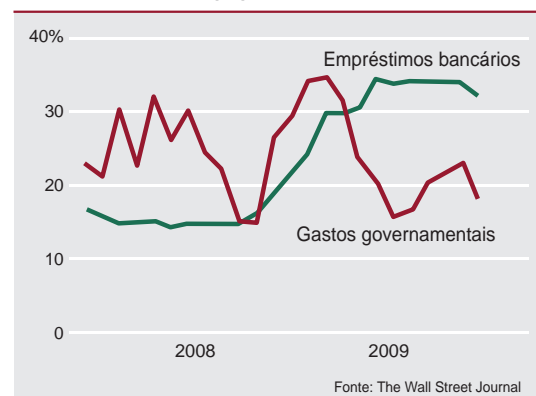
² Dados do crescimento da economia japonesa em 2009 ainda não foram divulgados. Utilizando-se de estimativas do Fundo Monetário Internacional (FMI) de que o PIB japonês registrará retração de 5,4% no ano, a economia japonesa ainda superaria a da China. Decréscimo mais acentuado da economia japonesa, contudo, poderia fazer da China a segunda maior economia do mundo ainda em 2009.

expandido 37,1% no último trimestre, frente a crescimento de 24,1% no trimestre anterior. Despesas do governo central, por sua vez, registraram crescimento anualizado de 21,2% em 2009 – desaceleração de 4,5 p.p. frente ao ano anterior. Déficit fiscal menor que o estimado inicialmente ressalta que o principal instrumento do Pacote de Estímulo Econômico não foram gastos fiscais, e sim empréstimos bancários: enquanto déficit fiscal em 2009 equivaleu a 2,3% do PIB, os RMB 9,6 trilhões (US\$ 1,4 trilhão) em novos empréstimos bancários equivaleram a 28,6%. Embora significativa parte destes empréstimos possa ser considerada gastos fiscais “sob disfarce”, uma vez que financiam investimentos em infraestrutura realizados por estatais ou agências governamentais locais, medidas tomadas por Pequim para estimular a economia em 2009, ao contrário do ocorrido em diversas economias desenvolvidas, não erodiram significativamente as finanças do governo chinês. Todavia, o volume de novos empréstimos pode ter, no longo prazo, efeito mais nocivo do que o crescimento de déficit fiscal, em razão do aludido baixo nível de exigência dos bancos para concessão de empréstimos – ou seja, criação de perigosa massa de créditos irrecuperáveis.

Despesas e receita do governo – Var. (%) anualizada

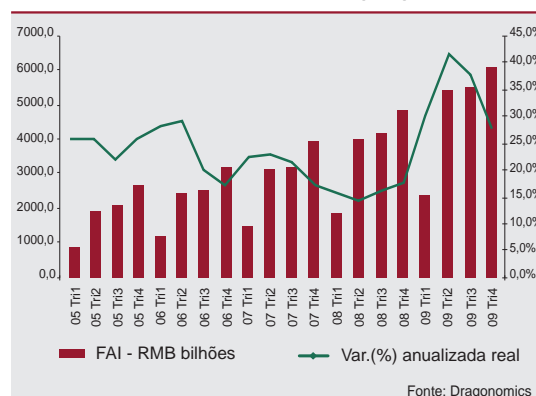


Gastos do governo X Empréstimos bancários – Var. (%) anualizada

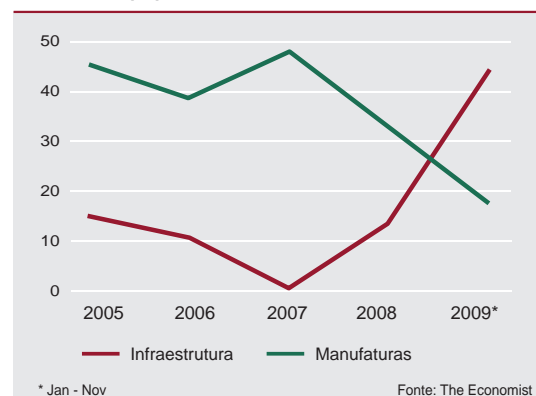


Investimentos em Ativos Fixos em 2009 somaram US\$ 2,5 trilhões, crescimento nominal anualizado de 30,1%, 4,6 p.p. acima daquele registrado no ano anterior. Nos dois últimos trimestres do ano, contudo, o ritmo de crescimento desacelerou em função de medidas iniciais tomadas pelo governo chinês para evitar formação de bolhas especulativas, criação de supercapacidade e pressões inflacionárias - o crescimento real anualizado do FAI foi de 28% no quarto trimestre, contra 38% no terceiro e 42% no segundo trimestre. Principal componente do Pacote de Estímulo em 2009, investimentos em infraestrutura lideraram contribuição para crescimento do FAI, registrando expansão anualizada de 44,3% – segundo o NBS, investimentos em ferrovias apresentaram crescimento de 67,5%, em rodovias 40,1% e em transportes públicos urbanos 59,7%. Reforçando objetivo de Pequim de estender o crescimento da zona costeira ao interior do país, mais uma vez expansão de investimentos nas regiões oeste e central – 35% e 36%, respectivamente – foi superior àquela da região costeira, de 23,9%. Aceleração do FAI em 2009 gerou temores de que problemas de supercapacidade de determinadas indústrias chinesas – aço, cimento e alumínio, sobretudo – fossem exacerbados pelo fácil acesso a capital, resultado da política de crédito abundante determinada por Pequim. Dados da *The Economist*, no entanto, indicam que investimentos no setor de manufatura têm desacelerado de forma constante desde 2007, enquanto FAI de infraestrutura registra crescente aceleração. Problemas com supercapacidade, portanto – ainda que existam e demandem medidas mais enérgicas por parte do governo chinês -, não parecem ser tão graves quanto determinadas análises sugerem.

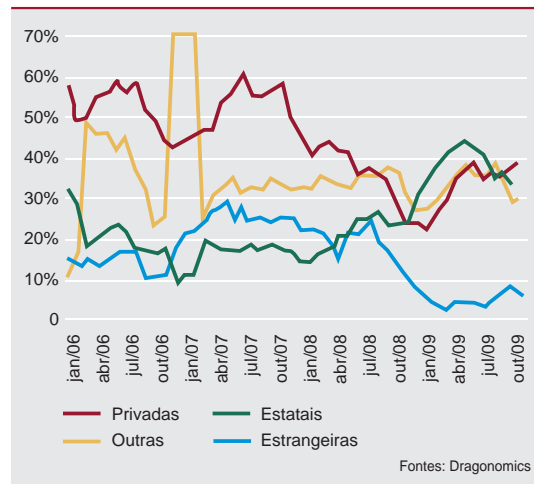
Investimentos em ativos fixos (FAI)



FAI – Var. (%) anual



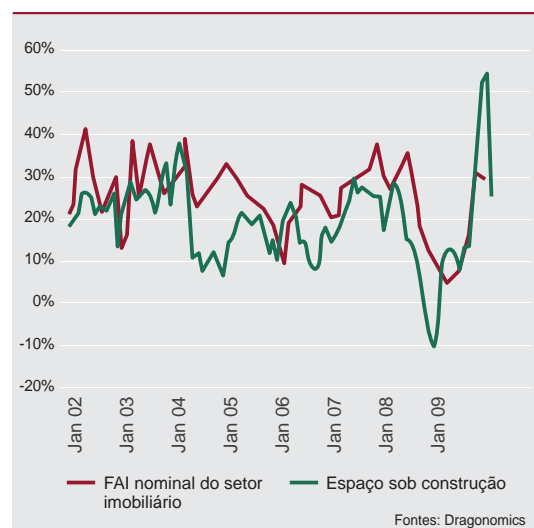
FAI por tipo de empresa – Var. (%) anual



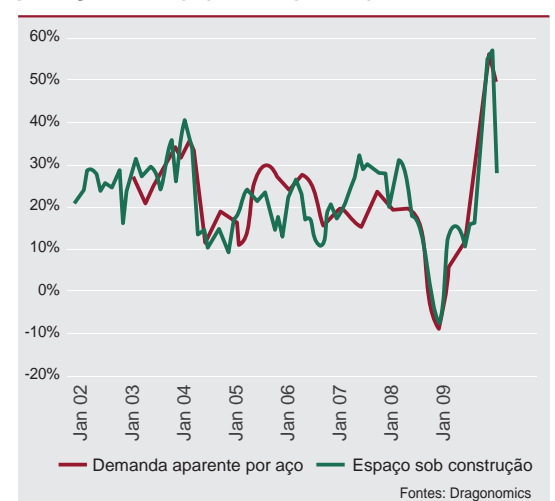
No que se refere aos investimentos por tipo de empresa, no acumulado de 2009 estatais tornaram-se o principal motor de crescimento do FAI, tomando posição pertencente às empresas privadas no período de 2002 a 2008 – reflexo tanto do maior impacto da crise sobre indústria exportadora e mercado imobiliário, nos quais o setor privado predomina, quanto da aceleração de investimentos em infraestrutura por empresas estatais. Em novembro de 2009, no entanto, empresas privadas voltaram a registrar expansão de investimentos superior àquela dos grupos estatais, refletindo, sobretudo, desaceleração de investimentos em infraestrutura nos últimos meses do ano. Para 2010, análises prevêem que o setor imobiliário irá substituir investimentos em infraestrutura como principal motor do crescimento do FAI.

O mercado imobiliário, um dos principais responsáveis pela desaceleração da economia chinesa em 2008 – em decorrência de medidas restritivas adotadas ainda em 2007 e dos efeitos da crise financeira global –, apresentou crescente recuperação ao longo de 2009, ainda que resultados anuais tenham sido inferiores àqueles do ano anterior – crescimento de espaço sob construção foi de 13% em 2009, contra 16% em 2008, e crescimento de investimentos no setor foi de 16% em 2009, frente a 25% em 2008. Em dezembro, atividades do setor registraram significativa redução frente a números de novembro - vendas de propriedades apresentaram crescimento anualizado de 43%, contra 100% em novembro, e novas construções cresceram 34%, contra 194% no mês anterior. Analistas acreditam, entretanto, que tal desaquecimento é vastamente positivo, já que respondeu às medidas iniciais de restrição a especulação tomadas por Pequim nos meses anteriores, e deve levar expansão do setor a ritmo mais sustentável que aquele registrado nos meses de outubro e novembro de 2009 – para 2010, Dragonomics prevê crescimento anualizado de 13% em construções do setor. Forte correlação histórica entre crescimento de espaço sob construção e demanda aparente por aço indica, por sua vez, que no acumulado de 2009 a formação de estoques teve importante peso no crescimento da demanda aparente por aço – espaço sob construção registrou crescimento anualizado de 13%, enquanto demanda por aço cresceu 28%. Crescimento anualizado recorde de 14% da produção doméstica de aço no ano e estimativas da consultoria *Mysteel* de que estoques ao final do ano alcançavam 70-80 milhões de toneladas, contra 20-30 milhões em 2008, reforçam importância da formação de estoques em 2009 e expectativas positivas das siderúrgicas e *traders* para demanda em 2010. Embora alguns analistas apontem para risco de retração da importação de minério de ferro em 2010 devido à formação de estoques de aço no ano anterior, não compartilhamos desta visão. Rosealea Yao, Gerente de Pesquisas da *Dragonomics*, ressalta que, devido à queda do preço de minério em 2009, produtores domésticos fecharam suas operações, forçando siderúrgicas a recorrerem ao minério importado de maior qualidade. Esta tendência deve permanecer ao menos até meados de 2010, quando se estima que mineradoras domésticas retomem parte de sua produção, garantindo forte demanda por minério importado ao longo do ano.

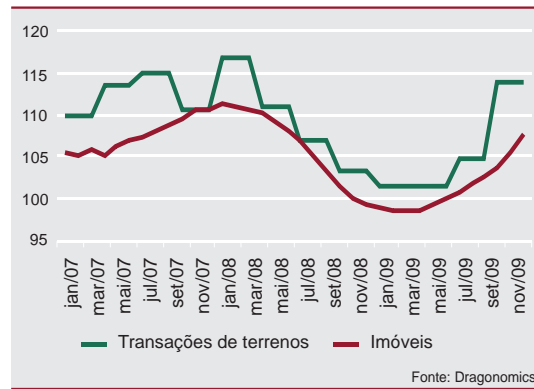
Setor imobiliário – Var. (%) anual (3mma)



Espaço sob construção e demanda aparente por aço – Var. (%) anual (3mma)



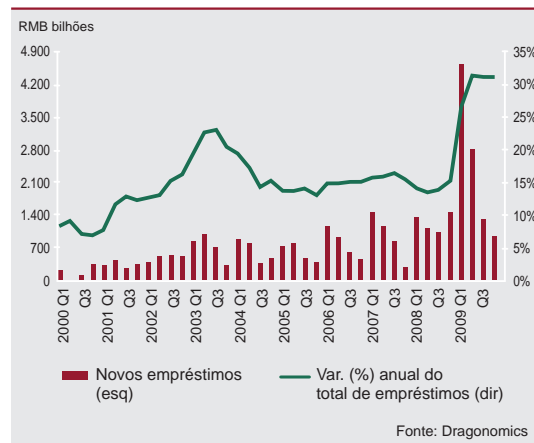
Índice de preços (ano anterior = 100)



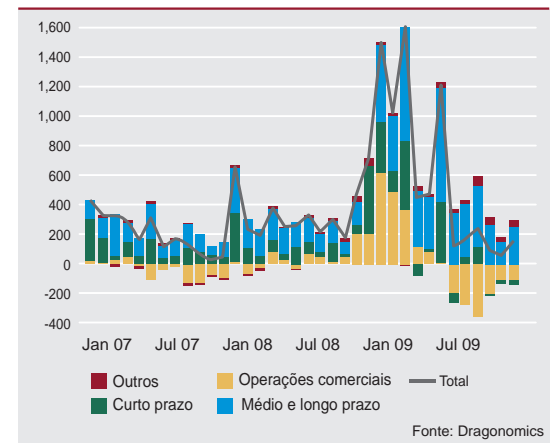
Aceleração de investimentos imobiliários ao longo de 2009 levou a temores de formação de bolha especulativa, reforçados pelos índices de preço do setor. No acumulado do ano, preço de transações de terrenos cresceram 14%, contra 2% em janeiro, e preço de propriedades residenciais e comerciais avançaram 7,8% em dezembro frente ao mesmo mês de 2008 – maior crescimento em 18 meses. Permanência de liquidez abundante, importância de venda de terrenos para receita de governos locais e dificuldade do governo central em viabilizar incentivos à construção de casas de baixo custo indicam que combate à inflação de ativos imobiliários será importante desafio para o governo chinês em 2010.

Expansão maciça de crédito bancário foi o principal instrumento utilizado por Pequim em 2009 para financiar investimentos em ativos fixos, tanto no setor imobiliário quanto em infraestrutura. No acumulado do ano, novos empréstimos alcançaram RMB 9,6 trilhões (US\$ 1,4 trilhão), crescimento anualizado de 96%, levando empréstimos totais a RMB 40 trilhões (US\$ 5,9 trilhões). Apesar da desaceleração, volume de novos empréstimos manteve-se acentuado: a média mensal de empréstimos no primeiro semestre foi de RMB 1,2 trilhão (US\$ 176 bilhões), contra RMB 368 bilhões (US\$ 53,9 bilhões) na segunda metade do ano – destacamos tendência histórica de concessão de maior volume de empréstimos no primeiro semestre do ano, em razão do acúmulo do capital que será investido no decorrer do ano. Principais responsáveis pelo crescimento de investimentos em ativos fixos, empréstimos de médio e longo prazo continuaram a ser moderadamente concedidos no segundo semestre, enquanto empréstimos para financiar operações comerciais de curto prazo foram quitados, contribuindo negativamente para novos empréstimos líquidos. Para 2010, o Banco do Povo da China (PBoC, na sigla em inglês) anunciou que novos empréstimos devem somar entre RMB 7 e 7,5 trilhões (US\$ 1,02 e 1,1 trilhão), redução significativa frente aos RMB 9,5 trilhões concedidos em 2009, porém ainda cerca de RMB 3 trilhões (US\$ 439 bilhões) acima do que, a *Dragonomics* estima, seria o volume normal caso não houvesse estímulo monetário em curso.

Empréstimos bancários



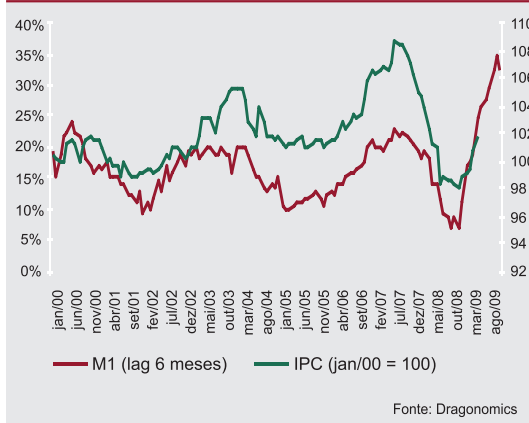
Novos empréstimos líquidos – RMB bilhões



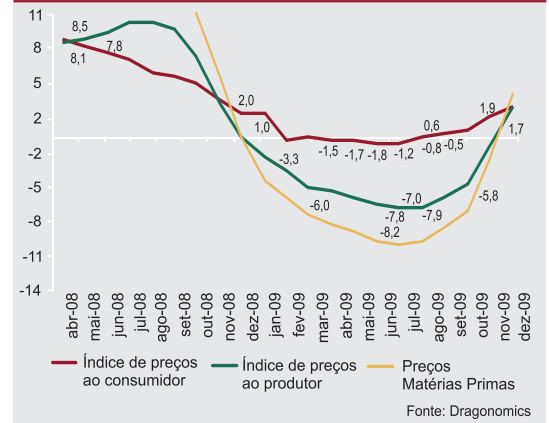
Como resultado da vasta expansão de crédito bancário em 2009, agregados monetários da economia chinesa apresentaram acelerado crescimento no ano. M2, principal medida de liquidez na economia do país, registrou expansão anualizada de 27,7% ao final de dezembro, 9,9 p.p. acima daquela do ano anterior, enquanto M1 cresceu 32,4%, aceleração de 23,3 p.p. frente a 2008. Muito embora até o terceiro trimestre de 2009 temores de que expansão monetária resultaria em pressões inflacionárias fossem questionáveis devido a números negativos do índice de preços e redução da velocidade monetária, nos últimos meses do ano tendência de deflação reverteu de forma brusca e Índice de Preços ao Consumidor (IPC) registrou expansão de 0,6% em novembro e 1,9% em dezembro. No acumulado do ano, contudo, IPC verificou retração de 0,7%, tendo preço de moradias reduzido 3,6%, transportes e comunicação 2,4% e vestimenta 2%. Índice de Preços ao Produtor (IPP), da mesma maneira, reverteu tendência deflacionária dos doze meses anteriores e registrou crescimento de 1,7% em dezembro, embora, no acumulado do ano, tenha verificado decréscimo de 5,4%. Liquidez excessiva, recuperação de ganhos salariais após retração em 2008 e seus efeitos sobre valor de ativos e expectativas inflacionárias devem fazer da inflação a preocupação central de Pequim em 2010. A *Dragonomics* prevê avanço de 5% do IPC já em abril – levando a medidas restritivas mais severas -, enquanto o *Citigroup* estima que inflação anual ao consumidor em 2010 seja de 4,6%.



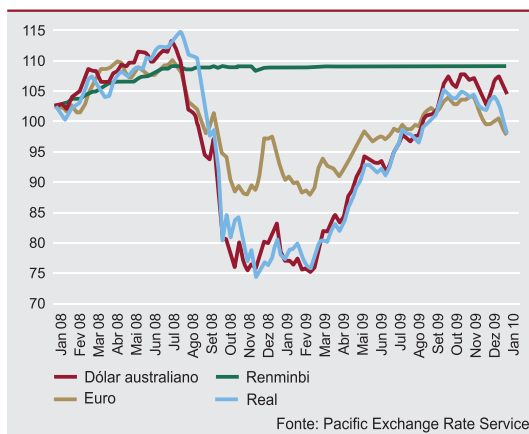
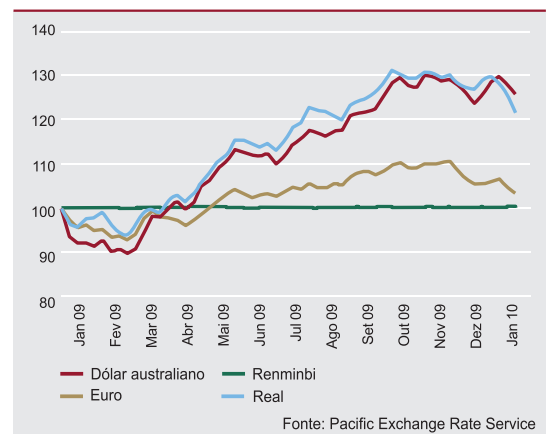
M1 e IPC



Inflação - Var. (%) anual



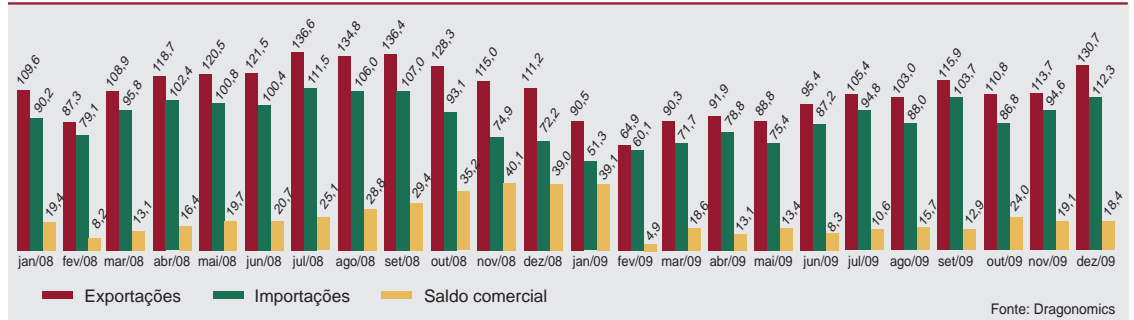
Avanço dos receios sobre retomada de pressão inflacionária em 2010 ressaltou importância do debate sobre o regime cambial chinês. Se pressões de seus parceiros comerciais para que Pequim valorize o renminbi frente ao dólar parecem não ter efeitos práticos, a escalada da inflação ao longo de 2010 pode tornar a valorização da moeda um instrumento fundamental no combate ao aumento de preços. A "real" desvalorização do renminbi é de difícil estimativa: quando se toma como base janeiro de 2008, período pré-crise internacional, a moeda chinesa apresenta, frente ao dólar norte-americano, valorização superior àquela do Euro, Real e Dólar australiano, por exemplo. Somente quando se toma o ano de 2009 como referência, e portanto o período após julho de 2008, quando a gradual valorização da moeda chinesa frente ao dólar foi interrompida, é que a valorização expressiva das demais moedas frente ao renminbi fica clara. Contudo, como ressaltava a *Dragonomics*, tal distinção é cada vez menos relevante: a aceleração da atividade econômica na China indica que, por definição, a taxa de câmbio real deve elevar-se. Caso isto não ocorra por meio da valorização da taxa nominal frente ao dólar, deve ocorrer por meio da aceleração de preços. Por este motivo, diversas instituições acreditam que, caso pressões inflacionárias escalem ainda nos primeiros trimestres do ano e recuperação das exportações mostre-se resiliente, o governo chinês deverá apreciar o renminbi. O grau e o ritmo de valorização são objeto de disputa: enquanto instituições como *Dragonomics* não descartam valorização inicial de até 5%, a fim de evitar influxo de capitais estrangeiros em busca de ganhos cambiais garantidos, e ganho total de 10% em 2010, o *Citigroup* estima valorização menos acentuada, de aproximadamente 3%, de forma gradual.

Dólar norte-americano x Moedas diversas
– Jan 2008 = 100Dólar norte-americano x Moedas diversas
– Jan 2009 = 100

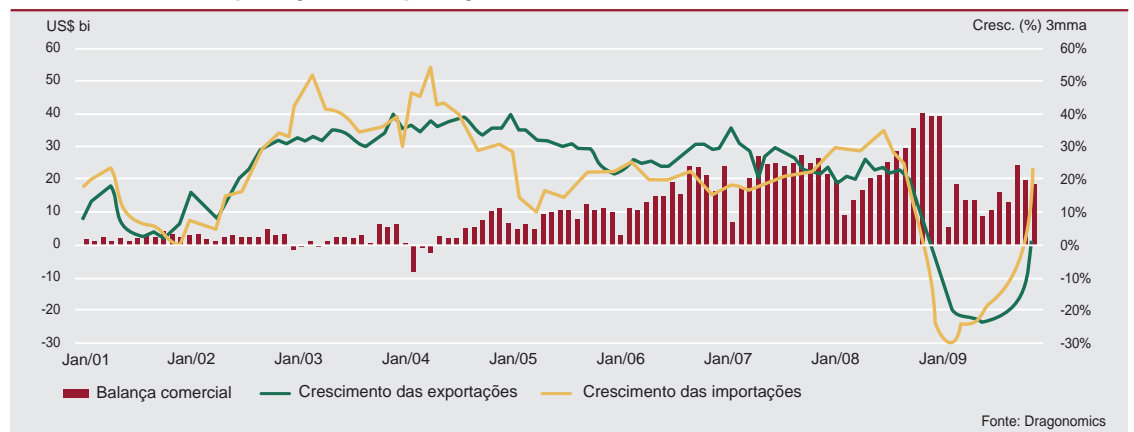
A China terminou o ano com superávit comercial de US\$ 196,1 bilhões, decréscimo de 34% em relação a 2008. No acumulado do ano o país asiático exportou US\$ 1,2 trilhão, queda de 16% em relação a 2008. A retração das exportações chinesas acabou sendo importante fator para manutenção do câmbio desvalorizado ao longo do ano, que objetivava estimular a venda dos produtos chineses a preços mais competitivos no mercado internacional. Após meses de declínio do comércio exterior, o último trimestre do ano registrou início de recuperação. As exportações apresentaram o primeiro resultado positivo de 2009, expandindo 0,2% em relação ao mesmo período do ano anterior - é importante lembrar que o último trimestre de 2008 foi muito negativo para as exportações chinesas, oferecendo baixa base para comparação. Analistas do *Citigroup* acreditam que tal recuperação em 2010 deva registrar expansão da venda de produtos chineses, acompanhando o crescimento da economia mundial, com as exportações não voltando, no entanto, a assumir papel de grande destaque como motor da economia chinesa. Os produtos que mais contribuíram para retomada de vendas no quarto trimestre foram máquinas e eletrônicos, que

apresentaram crescimento anualizado de 27%. A Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) e Taiwan foram os compradores que mais aumentaram suas aquisições de produtos chineses, com expansão de 100,4% e 156,7%, respectivamente, em 2009. Importações, por sua vez, registraram recuperação mais significativa, crescendo 22,3% no último trimestre de 2009, em grande parte impulsionada pela compra de matérias primas. Dezembro apresentou expansão de 56% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Apesar da recuperação, ao longo de 2009 as importações totalizaram US\$ 1 trilhão, queda de 11,2% em relação ao ano anterior.

Comércio exterior da China – US\$ bilhões

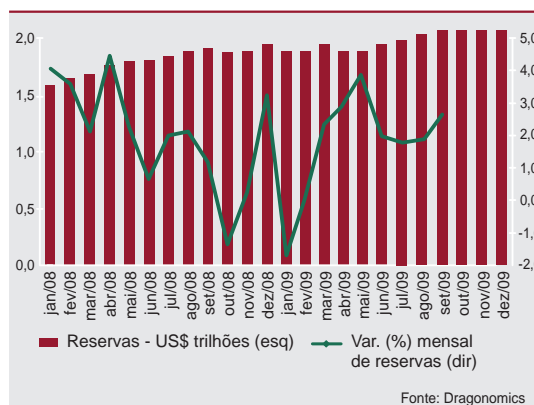


Crescimento das exportações e importações

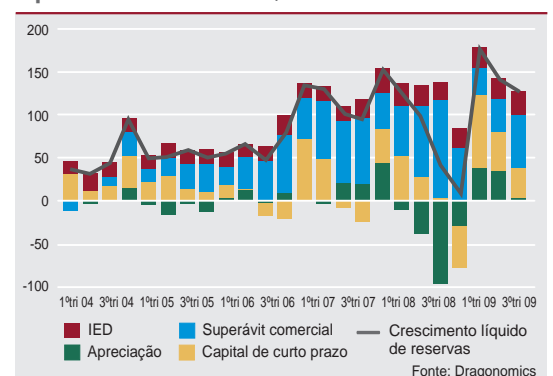


No acumulado de 2009, as reservas em moedas estrangeiras atingiram valor de US\$ 2,4 trilhões, crescimento de 23% em relação a 2008. Principal contribuinte para tal crescimento continuou sendo o comércio, que mesmo com o desempenho inferior aos dos anos anteriores foi responsável por 42% da expansão das reservas estrangeiras. Todavia, foi contribuição do capital de curto prazo que esteve em destaque, correspondendo a 25% do crescimento das reservas, 19 p.p. a mais que no ano anterior. A entrada massiva de capital de curto prazo deu-se em especial a partir do segundo trimestre, atraída pelo bom momento da economia chinesa, pelo alto volume de empréstimos e pela expectativa do aumento da taxa de juros. Contudo, a entrada considerável de tal capital começou a gerar receio em alguns especialistas uma vez que contribui para formação de bolhas nos mercados de ação e imobiliário, assim como dificulta o combate à inflação, que já começou a preocupar com rápido ritmo de crescimento nos últimos meses do ano. Objetivando conter a entrada de capital volátil, ainda no final de novembro a Administração Estatal de Câmbio (SAFE, sigla em inglês) tornou mais rígidas regras para transferências de moeda estrangeira por indivíduos, aumentando o controle sobre o fluxo de capitais.

Reservas internacionais

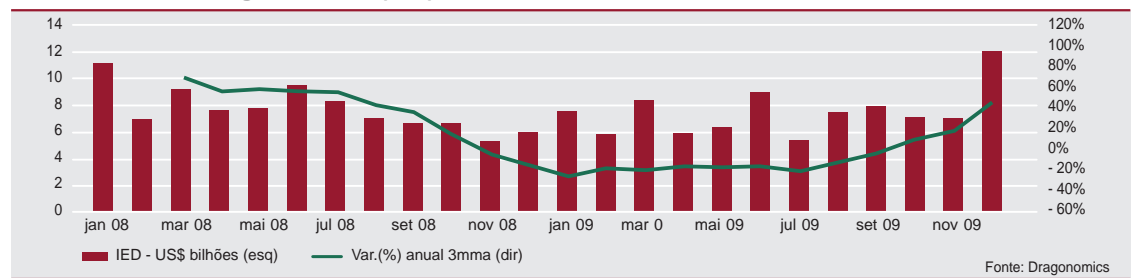


Contribuição para reservas internacionais – por trimestre em US\$ bilhões



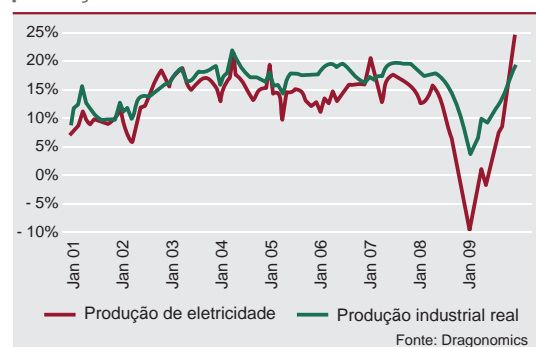
Investimento Estrangeiro Direto (IED) registrou queda de 2,6% no acumulado de 2009 com base no mesmo período do ano anterior, totalizando US\$ 90 bilhões. Apesar do declínio apresentado na primeira metade do ano, provocado em grande parte pela falta de liquidez global, o IED se recuperou significativamente no segundo semestre, registrando crescimento a partir de agosto. No último trimestre o aumento do IED foi 61 p.p. superior à taxa de crescimento registrada no mesmo período de 2008, com destaque para recorde de crescimento de 103% em dezembro. Tal recuperação é explicada em parte pela baixa base de comparação do ano anterior e pela forte retomada da economia chinesa, principalmente a partir do segundo semestre de 2009. Principais origens do IED na China foram Hong Kong – por onde é canalizada grande parte dos investimentos que entram e saem da China –, Japão e Singapura.

Investimento estrangeiro direto (IED) na China



Produção industrial registrou crescimento de 11% em 2009, queda de 2 p.p. com base no ano anterior. Apesar da desaceleração, ocasionada em grande parte pela crise financeira, a atividade industrial apresentou gradual recuperação ao longo dos trimestres, fechando o último trimestre do ano com crescimento de 18%, 5,6 p.p. a mais do que o trimestre anterior. Bom momento da indústria chinesa também pode ser avaliado por meio do *Purchasing Manager's Index* (PMI), que desde fevereiro indica expansão industrial com índices acima de 50 e que terminou 2009 registrando 57,7 em dezembro. A produção de eletricidade acompanhou o crescimento da indústria e expandiu 7% em 2009. Inversão entre os dois índices no final do ano, com grande salto da produção de eletricidade, indica que a indústria pesada, que consome mais da metade da energia utilizada, teve forte crescimento no período, fechando ano com aumento de 11,5%, enquanto a indústria leve expandiu 9,7%. Em relação ao desempenho industrial por região, o Oeste do país apresentou maior crescimento, registrando expansão de 15,5% em relação ao ano anterior, enquanto Leste e o Centro apresentaram respectivamente 9,7% e 12,1%. Maior crescimento da atividade industrial no Oeste da China reflete a política do governo chinês de tentar melhor distribuir o crescimento econômico do país, desenvolvendo também o interior. A recuperação industrial observada ao longo do ano e incentivada pelo Pacote de Estímulo do governo levou alguns setores a terminarem 2009 com problemas de supercapacidade. As indústrias de aço, alumínio e cimento são casos em destaque e já fazem parte das medidas restritivas de crédito do governo chinês.

Var. (%) anual – Produção industrial real vs. produção de eletricidade 3mma

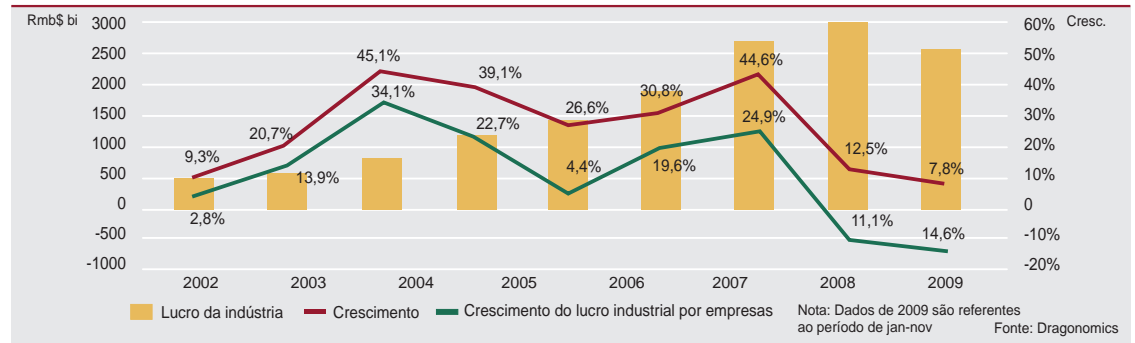


Purchasing Manager's Index (PMI)



Influenciado pelo declínio da atividade industrial na primeira metade do ano, lucro industrial registrou crescimento anualizado de 7,8% de janeiro a novembro de 2009, queda de 4,7 p.p. em relação ao mesmo período do ano anterior. Pôde-se observar transferência de crescimento do lucro do setor de extração para o de processamento, que obtiveram respectivamente declínio de 6,7 p.p. e expansão de 15,5 p.p. comparando o período de janeiro a novembro de 2009 com mesmo período do ano anterior. Tal mudança sinaliza concentração de investimentos e incentivos fiscais oferecidos pelo governo chinês ao setor de processamento, recuperando em parte o declínio de 2008. Já o lucro por empresa apresentou retração pelo segundo ano consecutivo, caindo 14,6% em relação a 2008. Todavia é importante lembrar que o governo chinês tem incluído novas empresas, em sua maioria de pequeno porte, na coleta de dados, o que acaba reduzindo a média do lucro, afetando assim a comparação anual.

Lucro da indústria



Lucro industrial por setor – Var. (%) anual

	2008 jan-nov	2009 jan-nov
Extração	51,7	(45,0)
Processamento	(28,5)	44,0
Bens finais	15,0	24,0

Fonte: Dragonomics

Cresc. do estoque por setor – Var (%) de set-nov 09

Máquinas	26,8%
Eletrônicos	10,2%
Produtos minerais	5,7%
Materiais químicos	5,7%
Produtos de metal	4,3%
Metais não-ferrosos	3,9%

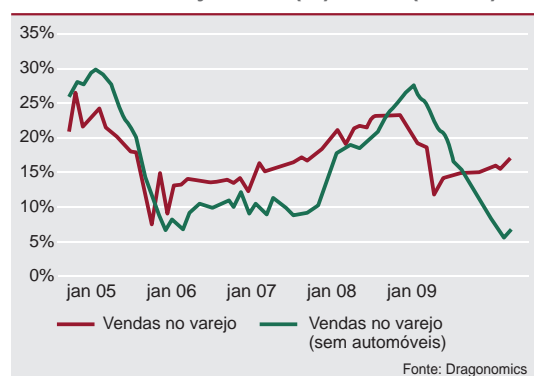
Fonte: Dragonomics

No que diz respeito a estoques, ainda seguindo a tendência de recuperação da demanda e da queda no preço das *commodities* apresentada principalmente na segunda metade do ano, o crescimento do mesmo foi estabilizado em contraposição ao rápido declínio nos primeiros trimestres. No período de setembro a novembro, estoque no setor de máquinas cresceu 26,8%, enquanto no setor de produtos minerais cresceu apenas 5,7%. Destaca-se que

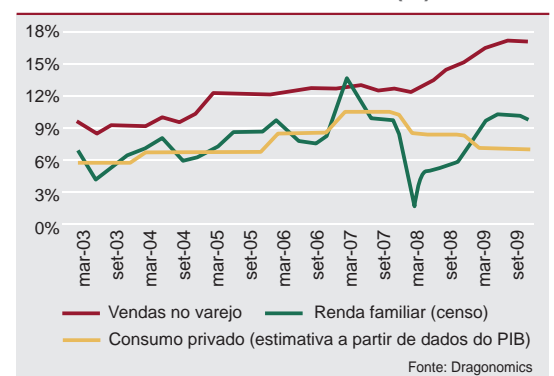
os dados de estoque possuem distorções relacionadas à variação dos preços, como podemos observar analisando o estoque de aço. Estoque de aço apresentou declínio anual de 17% no período de janeiro a novembro de 2009, apenas devido à queda de preço. Estima-se que, em volume, o estoque de aço tenha triplicado de 2008 para 2009.

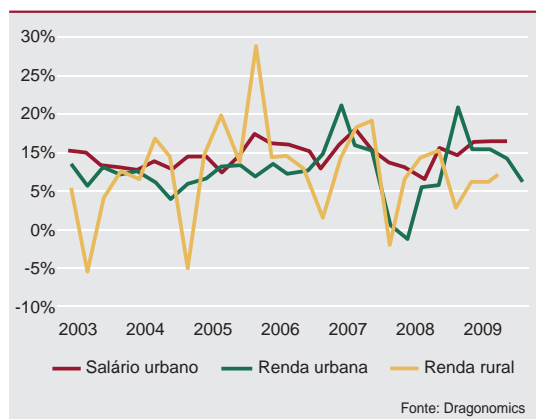
Em 2009, vendas no varejo registraram aumento real de 17%, 2 p.p. acima da expansão apresentada no ano anterior. Já em termos nominais o crescimento foi de 15,4 %, com queda de 6,2 p.p. em comparação com 2008. É importante destacar que 25% do crescimento das vendas no varejo corresponderam a vendas de carros. Impulsionadas pelos subsídios do governo e corte de impostos, a venda de carros da China atingiu recorde de 13 milhões de veículos em 2009 - crescimento de 46% em relação a 2008 -, ano no qual o país também se tornou o maior produtor mundial de automóveis. Dados fornecidos pela *Dragonomics* mostram que do crescimento nominal de 17,5% das vendas no varejo no mês de dezembro, apenas 9 p.p. não correspondem a vendas de carros. Somando a significativa contribuição da venda de automóveis com as compras do governo, que também são incluídas no cálculo de vendas no varejo, podemos observar que o real crescimento do setor varejista não foi significativo. Os demais indicadores de consumo apresentaram expansão estável após o primeiro trimestre, sugerindo a improbabilidade de aumento significativo dos gastos familiares. Ao longo de 2009, pesquisas domiciliares indicaram aumento de 11% no consumo, enquanto estimativas a partir de dados oficiais sugerem crescimento de 7-8%. Crescimento do consumo na área rural ultrapassou em 0,2 p.p. o da área urbana, apresentando expansão de 15,7% em 2009. O aumento do consumo na área rural, que historicamente registra crescimento inferior ao da urbana, pode ser explicado por subsídios específicos oferecidos pelo governo chinês para incentivar a compra de produtos como eletrodomésticos e tratores.

Vendas no varejo - Var. (%) anual (3mma)



Três medidas de consumo – Var. (%) real anual



Renda real e crescimento de salários trimestral – Var. (%) anual


A renda de domicílios urbanos aumentou 9,8% em 2009, expansão de 1,4 p.p. em relação ao ano anterior, enquanto a renda rural cresceu apenas 8,5%, com variação positiva de 0,5 p.p. em comparação com o mesmo período. Crescimento da lacuna entre a renda urbana e a rural demonstra que mesmo com o estímulo econômico a desigualdade entre as duas regiões permanece. Apesar do crescimento em termos anuais, a renda urbana apresentou declínio de seu ritmo de expansão trimestral, sendo mais um indício da improvável rápida expansão do consumo. O salário urbano manteve-se estável ao longo do ano, contudo é importante lembrar que, com inclusão do setor privado nas estatísticas, a média salarial tende a diminuir cerca de 15%.

Comércio bilateral³

Consolidando resultados apresentados nos trimestres anteriores, a China encerrou 2009 como principal parceira comercial do Brasil, tendo a corrente de comércio bilateral registrado US\$ 36,1 bilhões, à frente dos Estados Unidos com US\$ 35,9 bilhões. A balança comercial brasileira com o país asiático reverteu resultados negativos dos dois anos anteriores e, no acumulado dos doze meses de 2009, apresentou superávit de US\$ 4,3 bilhões, embora tenha apresentado déficit no último trimestre do ano. O maior superávit da história do comércio sino-brasileiro deveu-se tanto à acentuada expansão das vendas para a China, que registraram crescimento anualizado de 23,1%, quanto à retração das importações provenientes do país asiático, que apresentaram redução de 20,6% frente ao mesmo período de 2008.

Intercâmbio comercial Brasil-China – US\$ milhões

Período	Exportações			Importações			Saldo comercial		
	2009	2008	Var. (%)	2009	2008	Var. (%)	2009	2008	Var. (%)
Jan	737,53	654,0	12,8	1.348,73	1.536,9	-12,2	-611,2	-882,9	-30,8
Fev	939,30	760,4	23,5	1.036,25	1.325,5	-21,8	-96,9	-565,1	-82,8
Mar	1742,81	673,0	159,0	1.228,33	1.283,6	-4,3	514,5	-610,6	-184,3
Abr	2.230,83	1.328,5	67,9	1.001,69	1.427,8	-29,8	1.229,1	-99,3	-
Mai	2.155,39	2.307,6	-6,6	1.064,35	1.608,1	-33,8	1.091,0	699,5	56,0
Jun	2.768,30	1.684,0	64,4	1.088,96	1.766,3	-38,3	1.679,3	-82,3	-
Jul	1.988,36	2.540,3	-21,7	1.292,66	1.954,4	-33,9	695,7	585,8	18,8
Ago	2.007,16	1.971,9	1,8	1.384,99	1.903,5	-27,2	622,2	68,5	808,7
Set	1.881,00	1.792,8	4,9	1.576,27	2.053,7	-23,2	304,7	-260,9	-
Out	1.507,10	1.420,2	6,1	1.745,52	2.079,1	-16,0	-238,4	-658,8	-63,8
Nov	1.114,44	559,9	99,0	1.683,65	1.762,6	-4,5	-569,2	-1.202,7	-52,7
Dez	1.118,28	710,4	57,4	1.459,26	1.339,6	8,9	-341,0	-629,2	-45,8
Total	20.190,5	16.403,0	23,1	15.910,6	20.041,1	-20,6	4.279,9	-3.638,1	-

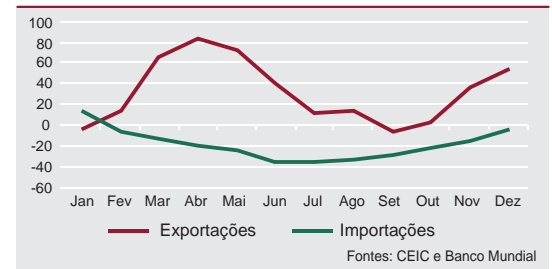
Fonte: MDIC

O segundo trimestre de 2009 foi o principal responsável pelo superávit acumulado nos doze meses do ano – somente entre abril e junho, o Brasil registrou superávit de US\$ 4 bilhões com o país asiático. Após apresentar sucessivos déficits ao final de 2008 e início de 2009, a forte expansão das vendas para a China a partir do segundo trimestre – puxadas, sobretudo, por minério de ferro e grãos de soja – e o aprofundamento da retração nas importações levaram a sucessivos superávits mensais até setembro de 2009. A partir de então, com a constante recuperação das compras de maquinário e matérias primas provenientes da China e desaceleração da expansão das exportações – aceleração do crescimento anualizado deve-se fundamentalmente à baixa base de comparação dos últimos meses de 2009 -, o Brasil registrou déficits comerciais nos últimos três meses do ano. No acumulado de doze meses, a balança comercial apresentou superávit de US\$ 4,3 bilhões, resultado expressivamente positivo frente aos déficits de US\$ 3,6 bilhões e US\$ 1,88 bilhão apresentados em 2008 e 2007, respectivamente.

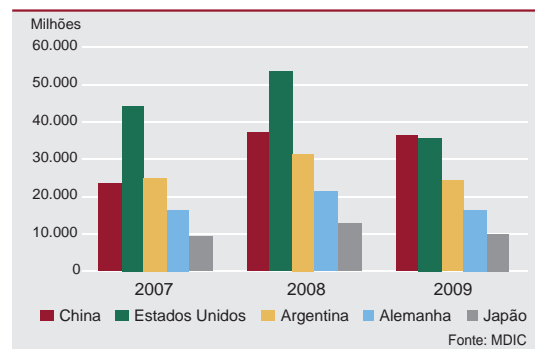
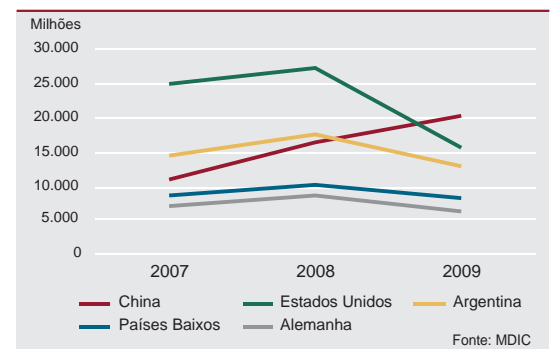
Balança Comercial por trimestre – US\$ FOB milhões

	Exportações	Importações	Saldo
1º Trimestre	3.419,6	3.613,31	-193,7
2º Trimestre	7.154,5	3.155,00	3.999,5
3º Trimestre	5.876,5	4.253,92	1.622,6
4º Trimestre	3.739,8	4.888,4	-1.148,6
Total 2009	20.190,5	15.910,6	4.279,9

Fonte: MDIC

Balança comercial sino-brasileira - Var. (%) anualizada (3mma)


Após tornar-se o segundo maior parceiro comercial do Brasil em 2008, ultrapassando a Argentina, a China assumiu o posto de principal parceiro comercial brasileiro no acumulado de 2009, consolidando tendência que já vinha se apresentando ao longo dos trimestres do ano. A corrente de comércio sino-brasileira registrou US\$ 36,1 bilhões em 2009, contra US\$ 35,9 bilhões dos Estados Unidos e US\$ 24 bilhões da Argentina. Muito embora a corrente de comércio brasileira com a China tenha apresentado retração anualizada de 0,9% em 2009, a diminuição do comércio com os demais parceiros foi muito mais acentuada - 32,8% para os Estados Unidos, 22% para a Argentina, 23,2% para a Alemanha e 25,4% para o Japão. A resiliência do intercâmbio comercial brasileiro com a China frente àquele com demais principais parceiros deve-se à expansão das exportações brasileiras para o país asiático, que apresentaram crescimento anualizado de 23,1% em 2009. Por sua vez, exportações para os Estados Unidos apresentaram forte contração de 43,1%, enquanto vendas para a Argentina, terceiro maior comprador do país, registraram retração anualizada de 27,4%. Quanto às importações, as compras brasileiras dos principais parceiros comerciais reduziram de maneira razoavelmente uniforme, registrando decréscimo anualizado de 20,6% com a China, 21,8% com os Estados Unidos e 14,9% com a Argentina.

Principais parceiros comerciais do Brasil – US\$ FOB

Principais destinos das exportações brasileiras – US\$ FOB


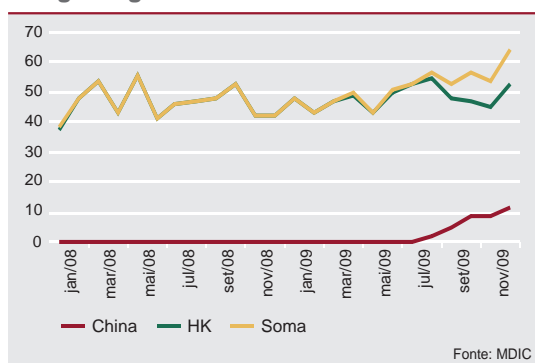
Entre janeiro e dezembro de 2009, vendas brasileiras para a China somaram US\$ 20,2 bilhões, crescimento anualizado de 23,1%, fazendo da China o único destino entre os principais parceiros comerciais do Brasil para o qual exportações cresceram no ano. O resultado positivo das vendas para o país asiático deve-se, sobretudo, ao crescimento das exportações de minério de ferro e soja em grãos que registraram incremento anualizado de 43,5% e 19,1%, respectivamente, e tomados em conjunto responderam por 66% do valor total exportado em 2009 – ampliando participação na pauta exportadora em 4 p.p. Enquanto o aumento das vendas de minério de ferro explica-se pela aceleração dos investimentos em ativos fixos como principal motor da economia chinesa em 2009 e do acúmulo de estoques em antecipação à demanda futura, o aumento das vendas de soja em grãos está relacionado ao ganho de participação do Brasil frente à Argentina, cuja safra de 2008/2009 foi seriamente afetada por período de secas. Merecem destaque também: carnes e laticínios, cujas exportações apresentaram 401,1% de aumento anualizado em função de maior venda de frangos; plásticos e suas obras, com 467% de expansão anualizada; e catodos de cobre refinado, com aumento de 439,7% frente a 2008. Óleo de soja e máquinas, ferramentas e aparelhos eletrônicos, por sua vez, registraram maiores reduções anualizadas em valor exportado, de 51% e 49,5%, respectivamente. Embora tenham apresentado aumento relevante em volume exportado, outros minérios e petróleo e derivados observaram redução anualizada de 28,9% e 21,4% em valor, respectivamente, em função da queda de seus preços nos mercados mundiais frente a 2008.

Exportações brasileiras para a China

 Principais produtos ou famílias de produtos
 Janeiro a dezembro de 2009

Produtos ou famílias de produtos	2009		2008		Var. FOB (%)	Var. Kg (%)
	US\$ FOB milhões	Kg mil	US\$ FOB milhões	Kg mil		
Carnes e laticínios	49,7	26.229,7	9,9	2.251,8	401,1	1.064,8
Soja em grão	6.343,0	15.939.968,1	5.324,1	11.823.573,0	19,1	34,8
Óleo de soja	407,0	529.104,9	829,9	703.029,5	-51,0	-24,7
Fumo	368,5	57.578,4	367,3	54.329,3	0,3	6,0
Granito cortado e bruto	73,9	483.530,6	75,4	454.580,6	-2,1	6,4
Minério de ferro	7.010,7	150.157.734,2	4.886,1	96.358.044,8	43,5	55,8
Outros minérios (manganês, cobre, nióbio etc.)	202,5	1.223.818,2	284,7	714.382,5	-28,9	71,3
Petróleo e derivados	1.338,4	3.843.324,7	1.702,5	2.900.342,5	-21,4	32,5
Produtos químicos orgânicos e inorgânicos	146,8	239.361,8	120,1	62.705,9	22,2	281,7
Plásticos e suas obras	348,3	377.510,1	61,4	48.606,4	467,0	676,7
Couros e peles	268,6	135.981,9	376,3	110.015,3	-28,6	23,6
Pastas de madeira, papel e celulose	1.138,0	2.850.196,4	741,9	1.284.498,5	53,4	121,9
Algodão	66,9	49.079,2	32,5	23.738,7	106,1	106,7
Produtos semimanufaturados de ferro e aço	1.053,7	2.172.430,8	521,1	246.544,8	102,2	781,2
Catodos de cobre refinado e seus elementos, em forma bruta	280,4	55.774,6	52,0	7.600,6	439,7	633,8
Máquinas, ferramentas e aparelhos mecânicos	147,9	17.426,9	293,0	31.529,3	-49,5	-44,7
Máquinas, ferramentas e aparelhos elétricos	115,7	6.254,2	88,3	4.887,2	31,0	28,0
Partes e componentes para veículos e tratores	16,7	1.540,0	25,0	3.186,5	-33,3	-51,7
Aeronaves e outros aparelhos aéreos e suas partes	349,4	325,6	250,2	243,2	39,7	33,9
Outros produtos	222,6	736.270,2	361,2	343.483,7	-38,4	114,4

Fonte: MDIC

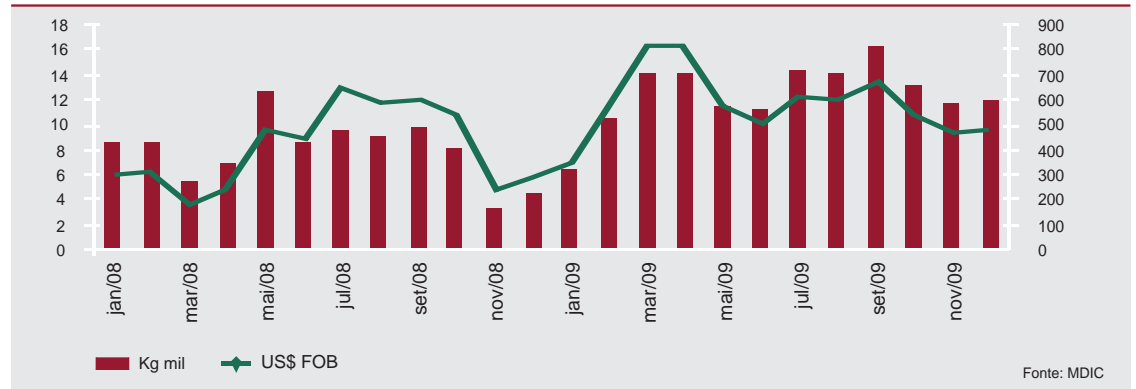
Exportação de carne de frango para China e Hong Kong – US\$ FOB


Fonte: MDIC

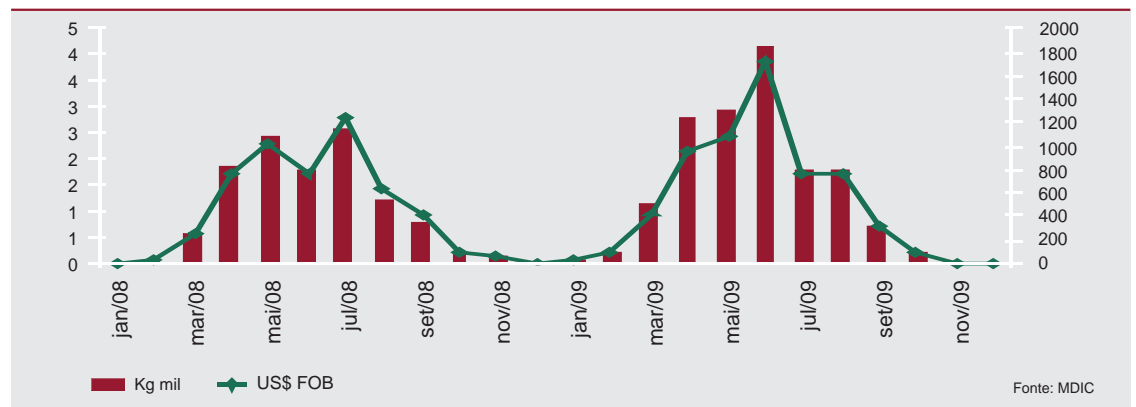
Com negociação para abertura do mercado chinês à carne de frango brasileira, exportações do produto cresceram de US\$ 1,3 milhão em 2008 para US\$ 37,6 milhões em 2009, contribuindo para expansão anualizada de 401% de carnes e laticínios. Quando analisados conjuntamente os dados de exportação para China e Hong Kong, no entanto, transparece haver, em certa medida, substituição de mercados – é sabido que, enquanto perduravam restrições à exportação brasileira para a China, parte das vendas para Hong Kong acabavam por ingressar no mercado chinês. Dados de vendas ao longo dos próximos meses devem ajudar a elucidar tal questão.

Embora tenham observado leve redução frente ao terceiro trimestre, vendas de minério de ferro para China mantiveram-se elevadas no quarto trimestre, acumulando em 2009 incremento anualizado de 43,5%. Manutenção de acelerado crescimento de investimentos em ativos fixos, sobretudo no setor de construção civil – maior consumidor de aço, cuja principal matéria-prima é o minério de ferro -, garantiu forte demanda pelo minério na China ao longo de 2009. Perspectivas positivas para a economia chinesa em 2010 também incentivaram formação de estoques pela indústria siderúrgica chinesa, explicando parte da demanda. Segundo previsões do banco de investimentos *Barclay Capital*, a expansão da produção de aço na China levará à demanda recorde de 1 bilhão de toneladas de minério de ferro em 2010, sendo a Vale, principal exportadora brasileira do setor, uma das principais beneficiárias, aumentando participação na oferta global do produto. Exportações de grãos de soja brasileiros para o país asiático, por sua vez, foram favorecidas pela interrupção da safra argentina, em função da ocorrência de seca no país – o valor exportado em 2009 foi 19,1% superior àquele registrado em 2008. Embora resultados nos últimos meses do ano tenham sido inferiores àqueles do mesmo período do ano anterior, tal fenômeno muito provavelmente foi resultado do adiantamento das vendas entre os meses de março e junho e ao crescimento da safra norte-americana ao final do ano, não indicando que haja desaceleração das compras chinesas em 2010. A Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE), no entanto, aponta que safras recordes nos Estados Unidos, Argentina e Brasil devem reduzir o preço médio da *commodity* em 2010 em até 25%, reduzindo receitas com exportação.

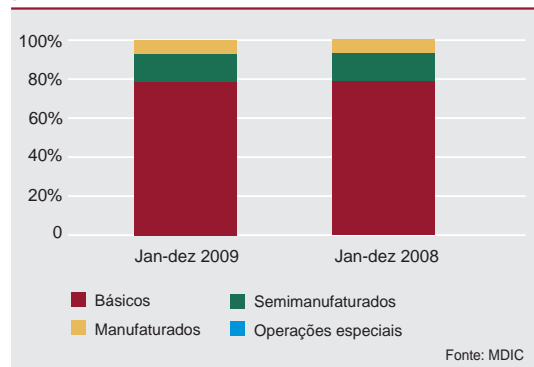
Exportações de minério de ferro para China – US\$ milhões



Exportações de soja em grãos para China – US\$ milhões



Composição das exportações brasileiras para a China



Nos doze meses de 2009, produtos básicos reduziram sua participação nas exportações brasileiras para a China, tendo respondido por 76,8% do total exportado – valor 0,7 p.p. inferior àquele registrado em 2008. Tal redução deveu-se ao crescimento mais acelerado das exportações de produtos manufaturados e semimanufaturados, que registraram crescimento anualizado de 29,9% e 26,1%, respectivamente, contra expansão de 21,9% das vendas de produtos básicos. Desta forma, produtos manufaturados responderam por 7% do total exportado em 2009, ganho de 0,4 p.p. em participação, e semimanufaturados apresentaram participação de 16,2% na pauta exportadora, com igual ganho frente ao ano anterior.

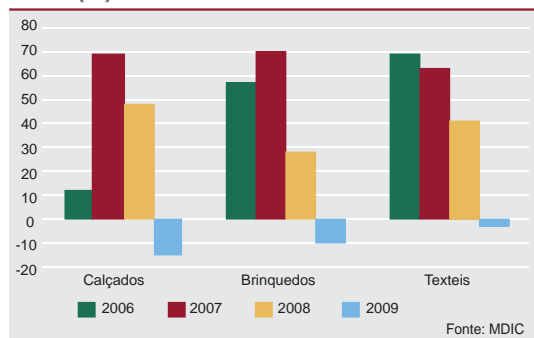
No acumulado de 2009, importações atingiram US\$ 15,9 bilhões, contração de 20,6% em relação ao ano anterior. Apesar de cenário aparentemente negativo, compras brasileiras do país asiático estão se recuperando e no quarto trimestre totalizaram US\$ 4,8 bilhões, redução de apenas 5,6% em relação ao último trimestre de 2008. Máquinas e aparelhos elétricos e mecânicos mantiveram-se como principais produtos importados pelo Brasil e novamente apresentaram retração no último trimestre do ano, apesar de ligeira recuperação em relação aos trimestres anteriores. Juntos, foram responsáveis por US\$ 8,4 bilhões do total importado e obtiveram redução de 15,22% e 14,82% em valor e volume, respectivamente. Cenário de redução destas importações foi reflexo do desempenho da indústria brasileira, que em 2009 registrou contração de 7,4% em relação a 2008, porém, no último trimestre, reverteu tendência de quatro trimestres de variação anualizada negativa e cresceu 5,8% frente ao mesmo período do ano anterior. Participação de coques de hulha também foi similar a do trimestre anterior, e novamente estes produtos registraram maior queda em valor e volume em relação a 2008, de 85,4% e 89,8% respectivamente.

Importações brasileiras da China

 Principais produtos ou famílias de produtos
 Janeiro a dezembro de 2009

Produtos ou famílias de produtos	2009		2008		Var. FOB (%)	Var. Kg (%)
	US\$ FOB milhões	Kg mil	US\$ FOB milhões	Kg mil		
Coques de hulha	91,2	128.950,7	625,3	1.265.202,2	-85,4	-89,8
Produtos químicos orgânicos e inorgânicos	1.587,8	1.112.347,3	2.196,4	1.621.611,7	-27,7	-31,4
Plásticos e borrachas e suas obras	486,1	185.104,1	649,2	246.639,8	-25,1	-24,9
Têxteis e vestuário	1.368,7	288.847,8	1.404,0	312.762,1	-2,5	-7,6
Calçados	193,0	13.498,5	228,5	18.944,6	-15,5	-28,7
Produtos semimanufaturados de ferro e aço	680,4	530.948,5	1.135,8	891.344,5	-40,1	-40,4
Máquinas e aparelhos mecânicos e suas partes	3.215,2	383.886,2	3.712,1	460.978,2	-13,4	-16,7
Bombas, válvulas e aparelhos de uso doméstico (refrigeradores, fornos e máquinas de lavar)	346,2	69.153,6	317,6	63.555,0	9,0	8,8
Máquinas e equipamentos para construção civil	279,9	72.065,0	264,1	69.876,4	6,0	3,1
Máquinas e aparelhos da indústria têxtil	108,6	18.547,0	154,4	25.252,3	-29,7	-26,6
Máquinas e aparelhos da indústria metalúrgica	160,2	31.589,4	223,0	52.367,9	-28,2	-39,7
Máquinas de processamento de dados	1.294,9	46.388,7	1.431,0	51.989,9	-9,5	-10,8
Outras máquinas	102,2	18.507,2	163,6	32.258,9	-37,5	-42,6
Máquinas e aparelhos elétricos e suas partes	5.279,8	358.133,3	6.307,8	410.165,1	-16,3	-12,7
Conversores, transformadores, acumuladores e geradores elétricos	254,1	26.112,2	318,9	29.756,8	-20,3	-12,2
Eletrodomésticos	85,9	13.912,6	81,6	12.513,6	5,3	11,2
Fornos e aquecedores elétricos	188,6	46.765,4	193,7	50.296,6	-2,6	-7,0
Aparelhos elétricos para telefonia	1.228,0	14.174,8	1.984,0	19.644,4	-38,1	-27,8
Aparelhos de som	424,9	36.817,9	495,0	43.751,8	-14,1	-15,8
Aparelhos de radiodifusão	923,8	56.465,2	931,0	47.559,7	-0,8	18,7
Condensadores elétricos e resistências	76,3	3.254,5	102,7	4.064,3	-25,7	-19,9
Circuitos impressos	159,6	4.731,2	194,6	5.846,9	-18,0	-19,1
Disjuntores, interruptores, suportes, lâmpadas e outros aparelhos para circuitos elétricos	521,8	47.673,2	621,6	77.639,1	-16,1	-38,6
Circuitos integrados	644,0	737,2	506,3	762,2	27,2	-3,3
Outros equipamentos elétricos	213,7	31.332,0	264,0	35.722,9	-19,0	-12,3
Partes e componentes para veículos e tratores	420,8	118.060,2	555,7	160.137,8	-24,3	-26,3
Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc	725,8	29.119,1	1.112,2	30.839,8	-34,7	-5,6
Brinquedos	295,4	52.553,0	327,3	58.182,1	-9,7	-9,7
Outros produtos	1.566,4	1.291.307,8	1.786,9	1.432.832,6	-12,3	-9,9

Fonte: MDIC

Importações brasileiras da China em US\$ FOB – Var. (%) anual


Fonte: MDIC

Muito embora, tomados em conjunto, importações de calçados, têxteis e brinquedos respondam por menos de 12% do total de compras brasileiras da China, a sensibilidade da indústria nacional nestes setores leva a monitoramento próximo dos resultados de compras destes produtos. Em 2009, valor importado de calçados registrou redução de 15,5%, enquanto brinquedos apresentaram retração de 9,7% e têxteis de 2,5%. Para todos estes setores, crescimento das importações em 2008 já havia sido significativamente reduzido frente àquele do ano anterior.



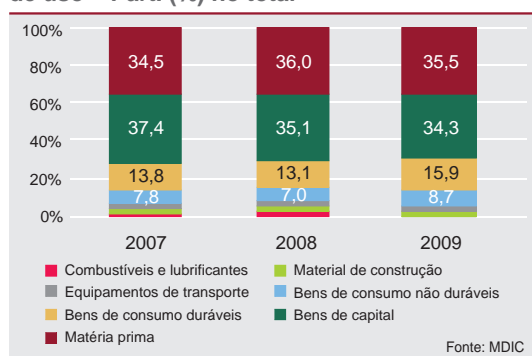
Os bens de capital e insumos à indústria mantiveram-se como itens chineses mais importados pelo Brasil, tendo respondido, em conjunto, por 69,1% das compras em 2009, valor igual ao registrado nos nove primeiros meses do ano. Já bens de consumo não duráveis diminuíram sua participação em 0,5 p.p. em relação ao período de janeiro a setembro de 2009, correspondendo a apenas 8,7% das importações de produtos chineses. Bens de consumo duráveis, por sua vez, ampliaram participação frente ao trimestre anterior, respondendo por 15,9% das exportações no acumulado do ano, avanço de 0,9 p.p.

Importações brasileiras da China por categoria de uso – Acumulado de janeiro a dezembro de 2009

Categoria de uso	US\$ FOB milhões	Kg mil	Part. (%)
Bens de consumo não duráveis	1.386.449	296.108	8,71
Bens de consumo duráveis	2.532.078	505.421	15,91
Combustíveis e lubrificantes	89.558	118.919	0,56
Matéria prima para agricultura	102.300	99.569	0,64
Matéria prima para indústria	5.540.422	2.363.812	34,82
Material de construção	333.371	486.734	2,10
Bens de capital para agricultura	5.638	1.899	0,04
Bens de capital para indústria	5.458.984	486.754	34,31
Equipamentos de transporte	462.345	134.179	2,91
Total	15.911.146	4.493.394	100,00

Fonte: MDIC

Importações brasileiras da China por categoria de uso – Part. (%) no total



Com relação aos anos anteriores, bens de consumo duráveis e não-duráveis apresentaram elevação de participação na pauta de importações provenientes do país asiático, tendo respondido por 15,9% e 8,7% do total importado em 2009, respectivamente. Bens de capital, por sua vez, registraram ligeira redução de 0,8 p.p. em participação frente a 2008, enquanto matérias primas reduziram participação anual em 0,5 p.p.. Matérias primas e bens de capital, entretanto, ainda dominam largamente as compras brasileiras do parceiro asiático, tendo respondido por 68,9% do total importado em 2009.

Macro China

Macro China é uma publicação trimestral da secretaria executiva do Conselho Empresarial Brasil-China que apresenta uma síntese gráfica do desempenho da macroeconomia chinesa e do comércio sino-brasileiro. As análises são de responsabilidade da secretaria executiva do CEBC e não refletem necessariamente a opinião dos associados.

Macro China é distribuída a associados do CEBC e a destinatários recomendados por associados.

Editores

Rodrigo Tavares Maciel
 Vivian Alt
 Lara Azevedo
 Thiago Scot
 Dani Nedal

Atendimento ao leitor

cebc@cebc.org.br

Edições anteriores

Disponíveis para download em www.cebc.org.br

Projeto gráfico